

O dinheiro que o Brasil não recebeu

GAZETA MERCANTIL

20 SET 1988

por Getúlio Bittencourt
de Cancun

O ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, explicou que em seu encontro com os presidentes do conselho de vários bancos credores do País no hotel Intercontinental de Nova York, amanhã (quinta-feira), vai procurar "mostrar tudo que temos feito na economia brasileira".

Ele acrescentou que o governo brasileiro gostaria de pagar os juros devidos aos bancos comerciais, e só não o faz agora porque não pode. Indagado por este jornal sobre a crescente opinião dos banqueiros estrangeiros de que o Brasil poderia pagar, e só não paga porque não quer, o ministro foi enfático:

"Não é verdade. Eu não sei porque alguns banqueiros desenvolveram essa impressão, que só pode ser baseada em desinformação sobre a economia brasilei-

ra. O que acontece é o contrário. Nós queremos pagar; a nossa posição de honra não é a suspensão do pagamento dos juros e sim a sua quitação. Depois de nosso esforço para restabelecer relações com a comunidade financeira, é do nosso interesse manter essas boas relações", acentuou.

O ministro disse que explicará detalhadamente a cada um dos banqueiros a conjugação de eventos que provocaram a frustração da expectativa brasileira de receber US\$ 3 bilhões em créditos do governo japonês, dos bancos comerciais, dos programas de empréstimos setoriais do Banco Mundial (BIRD) e do programa de ajuste do Fundo Monetário Internacional (FMI).

"Só do governo japonês", argumentou, "deveríamos receber US\$ 1,4 bilhão ao longo dos próximos três anos." Mas esses recursos, como os da terceira "tranche" de dinheiro novo, no valor de US\$ 600 milhões, que viriam dos bancos comerciais, estão vinculados a um acordo do País com o FMI.

Do mesmo modo, os empréstimos setoriais do BIRD para diversos projetos (reforma bancária, reforma do comércio exterior, energia elétrica e agricultura) dependem de "condições macroeconômicas" que o FMI considere adequadas. Com isso, nota o ministro, neste ano, pela primeira vez, o Brasil deixou de ser o principal beneficiário de empréstimos do BIRD, ficando atrás do México e da Índia.

Para suprir o que ele considera "uma desinformação muito grave" dos banqueiros e demonstrar que o Brasil quer pagar os juros mas não pode fazê-lo, Mailson observou que uma missão de técnicos do comitê assessor de bancos estará visitando o País em breve.

"O Brasil não quer acumular atrasados", assegurou. "Dentro das circunstâncias, fizemos um esforço de ajuste grande. Tentamos estabilizar a economia, realizamos uma liberalização do comércio, ao suspender restrições a importações, e transformamos um déficit operacional do Tesouro de menos 2,8% em 1987 numa conta positiva de mais 0,8% em 1988, numa diferença de 3,6%", argumentou.

O que aconteceu, a seu ver, é que enquanto o saldo da balança comercial brasileira caía deliberadamente este ano, com a liberalização das importações, a ausência do acordo com o FMI impedia o País de ter acesso a formas de financiamento que manteriam suas contas

(Continua na página 22)

O Brasil apresentou, ontem, na reunião do Grupo dos Oito, em Cancun, duas propostas para a redução da dívida externa intralatinamericana. O presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Enrique Iglesias, (em opinião pessoal) elogiou a proposta por não só reduzir a dívida interna da América Latina mas "a externa em geral".

(Ver página 22)